

O Estado de S. Paulo

3/5/1990

ÍNTEGRA

Collor critica o excesso de intervenção

Estes são os principais trechos do discurso feito anteontem pelo presidente Fernando Collor na inauguração da exposição sobre a vida e obra de seu avô, Lindolfo Collor, no Dia do Trabalhador. Lindolfo Collor foi o primeiro ministro do Trabalho da República e o presidente discorreu sobre a situação dos trabalhadores do País.

"A democracia devolveu a liberdade ao cidadão. O desenvolvimento deve agora trazer a dignidade e o bem-estar ao trabalhador. Esse é o grande desafio para todas as sociedades do mundo que, como a nossa, experimentam momento de intensas transformações políticas: respeitar integralmente os direitos do cidadão, da pessoa humana, assegurando-lhe plena participação na vida da coletividade e, ao mesmo tempo, atender às mais legítimas aspirações de todos na justa retribuição por seu esforço." "No Brasil, o 19 de Maio foi durante longos anos uma jornada em que se confundiam a resistência ao autoritarismo, e a luta por liberdade política e justiça social. E como todos os capítulos da História, por mais infelizes, também esse período serviu para cristalizar ao menos uma lição: a democracia é condição indispensável à concretização dos ideais de progresso dos trabalhadores".

"A democracia não é, sozinha, condição suficiente. Ela abre possibilidades, mas não indica caminhos preconcebidos. Oferece, sobretudo, a oportunidade de reflexão coletiva sobre o instante que ora atravessamos". "Nos países desenvolvidos de economia de mercado, o progresso e a prática da negociação, sustentada por interlocutores institucionalmente sólidos, dotado dos empregados e dos patrões, esvaziaram gradualmente a contradição ideológica entre o capital e o trabalho (...). Nas nações que se encaminharam para formas de economia centralmente planejada, o tempo se encarregou de criar uma confrontação entre o trabalhador e o Estado. Dessa situação nasceram as radicais transformações a que assistimos agora no Leste europeu. Os trabalhadores desses países, cansados da distância entre a retórica e a realidade, exigiram liberdade e participação, pois sabem que o único caminho consistente para os frutos do desenvolvimento desenha-se quando a sociedade passa verdadeiramente a tomar parte nas decisões sobre o seu destino. Os direitos dos trabalhadores, a democracia e o progresso são partes inseparáveis da construção de um Estado moderno e justo."

"Ao refletir sobre o melhor caminho para resgatar o trabalhador brasileiro, é imperativo o exame das questões envolvidas no binômio Estado-sociedade. Vejo aí a necessidade de que se responda a uma indagação fundamental, a de determinar os pontos ideais de intervenção do Estado para regular as relações de trabalho. Essa indagação não pede soluções teóricas, mas deve refletir o engajamento de toda sociedade na definição dos rumos da modernização do país."

"Nas democracias essas perguntas são respondidas livremente, nas umas. Nas democracias existem instituições que oferecem a moldura para as soluções de compromisso. Estas acabam por conduzir a uma partilha mais equânime dos resultados do trabalho e da produção."

"No Brasil houve intervenção estatal excessiva e distorcida, que trouxe pouco benefício para o trabalhador. Mas isso foi consequência do escasso poder da sociedade sobre o Estado. O Estado quase sempre interveio em áreas e atividades onde a maior parte dos trabalhadores brasileiros não precisa dele."

"Prevalecem hoje nos países desenvolvidos as concepções de cunho liberal. Criticam-se o paternalismo e a ineficiência das políticas de sentido assistencialista, a regulamentação excessiva da vida econômica."

"Minha eleição representou o endosso majoritário da sociedade brasileira ao meu projeto de redefinição do papel do Estado e do revigoramento das forças de mercado, mas representou ao mesmo tempo o apoio ao meu compromisso com a maioria pobre, com as classes trabalhadoras. Em nenhum instante defendi as receitas do liberalismo conservador. Tenho plena consciência de que, num país como o nosso, o Estado tem um papel fundamental a desempenhar na distribuição mais justa da riqueza."

"Sustento a livre negociação entre empregadores e empregados, não para que as coisas permaneçam como estão, mas para que progridam mais rapidamente do que morreria com a ingerência exagerada do Estado. Defendo a livre negociação entre empresários e trabalhadores porque dessa forma é mais fácil observar as especialidades de cada caso, as realidades diversas do trabalhador brasileiro — o dia-a-dia do operário das indústrias, do bóia-fria, do cortador de cana."

"Estão hoje assegurados no Brasil os requisitos básicos para o entendimento: liberdade de reunião, de manifestação e de organização. Assim, podem cumprir seu papel fundamental as entidades representativas dos interesses de classe. Os sindicatos de trabalhadores e os grêmios empresariais são pilares fundamentais do processado repartição da riqueza e do bem-estar."

"Àqueles que, como eu, acreditam na via da economia de mercado como melhor caminho para o desenvolvimento, desejaria fazer uma advertência: não se pode falar em economia de mercado numa sociedade onde a maior parte dos trabalhadores não está integrada ao mercado. Só o atraso cultural explica que muitos dos segmentos mais abastados da nossa população preguem a livre iniciativa como modelo ideal mas continuem aferrados ao vício de ganhar muito e pagar pouco, tanto em termos de salários como de impostos."

"O plano econômico que pus em execução no dia 15 de março é o primeiro passo no cumprimento da promessa que fiz de retomar o desenvolvimento com justiça social. A inflação vai ser debelada. Outros passos virão. Não deixarei de fazer a parte que me cabe. Mas, como disse naquela data, na democracia quem salva a nação não é o governo, e sim a sociedade. O Estado é instrumento sujeito à vontade popular."

(Página 3 — Economia)